

COTIDIANO DA ESCOLA

DESENHOS ANIMADOS: (RE) PENSANDO GÊNERO E ESTÉTICA

André Luiz Bernardo Storino*

Este relato de experiência é resultado de uma prática nas aulas de Filosofia para turmas do ensino médio na Escola Estadual Monteiro Lobato, localizada no bairro de Xerém, município de Duque de Caxias - RJ. É uma escola periférica, na qual discentes presenciam diferentes formas de violências: desde simbólicas, verbais e até físicas, seja pela cor da pele, classe, identidade de gênero, orientação sexual, entre outras. Sensíveis foram as violências que decorrem da compreensão do gênero como algo naturalmente biológico, os quais determinam lugares socialmente demarcados e justificados para as mulheres e homens, e a interseccionalidade entre classe, raça/etnia e gênero. Práticas, discursos e discussões ocorridas durante as aulas apresentavam posturas intolerantes, preconceituosas e até mesmo discriminatórias, tanto nas discussões de gênero como nas de estética, esta quase sempre compreendida como branca, magra e heterossexual.

A atribuição das diferenças à natureza negligencia o processo de socialização e seus modelos decididos previamente, cujos aparatos ideológicos se encarregam de informar e fiscalizar, conforme Carrara (2010, p.17. v.2). Dessa forma, compreende-se o conceito gênero como uma construção social que distingue a dimensão biológica da dimensão social, visto que as questões biológicas devem sempre ser problematizadas (SILVA, 2014), pois mulher e homem são “produtos da realidade social e não decorrência da anatomia de seus corpos” (CARRARA, 2009, p.42). Assim, “As relações entre mulheres e homens e os significados simbólicos associados às categorias ‘mulher’ e ‘homem’ são socialmente construídos e não podem ser considerados naturais, fixos ou predeterminados (MOORE, 1997, p.3) Passeamos pelas representações que cada um trazia, como gosto-beleza e “formas” corretas de se viver o

*Mestrando em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas – FEBF/EURJ.

“gênero” – entendido como modos de ser homem e ser mulher. Visitamos os conceitos de cultura, de forma bem ampla, pensados como o meio em que o sujeito é ao mesmo tempo “formado” e é formador. Pensamos como, nessa mesma ideia de cultura, são construídos os modos de ser homem e ser mulher, os padrões de beleza, os discursos das essências e naturalização como seus mecanismos de manutenção.

Foi então que introduzimos os desenhos animados para, a partir deles, neles e com eles, repensar as (des) construções sobre gênero, pois “a construção do gênero também se faz por meio de sua desconstrução” (LAURETIS apud. LOURO, 2014, p. 39) e padrões de beleza. Nesse caminho que a proposta ganhou corpo para repensar as correlações de força e as associações que são sugeridas explicitamente entre gênero e beleza pela mídia, através de determinados desenhos infantis que reforçam as opiniões do senso comum: de que há uma normalidade simétrica entre ser heterossexual, branco e magro, o “normal” ou a “norma”.

Ao fazermos a análise de alguns desenhos (a saber: Scooby Doo, He-Man e She-Ra, Família Jackson, Capitão Planeta, Três Espiãs Demais, Cavaleiros do Zodíaco, Mulan, Caverna do Dragão, entre outros, pois o desafio era que elas e eles trouxessem os que gostavam de assistir, enquanto eu levaria os que assisti e ainda assistia) e como eles apresentam e representam tanto a mulher-feminina e o homem-masculino (RAEL, 2013). Foi possível se debruçar em conceitos tais como heteronormatividade, machismo, sexismo, feminismo, diferença, identidade, racismo, cotas, cidadania, direitos humanos, entre outros mais, que apareceram em alguns comentários – os quais, sutilmente, nos permite repensar a prática docente.

Algumas falas foram marcantes, pois ao discutir a representação da mulher em Mulan, um dos alunos indagou que mesmo ela sendo uma heroína, necessitou de um homem, o Imperador, para validar os seus feitos. Outra aluna, muito espontaneamente, solta, após apresentar o vídeo produzido como sugestão de avaliação: “nunca tinha pensado assim, achava que era natural a mulher cuidar da casa”.

Os desenhos nos permitiram pensar a representação da estética negra que, quando não está ausente, faz-se presente em um nítido processo de branqueamento, a qual é perceptível pelos traços, sendo o cabelo um exemplo. Uma fala marcante foi de uma aluna, em uma das inúmeras discussões, afirmar que não era negra, pois seu cabelo não era “ruim” (crespo), embora sua pele fosse “escura”. As representações povoam os imaginários de uma boa parte das/dos discentes que não querem ser identificados como negros, pois pensa ser o negro

aquilo que dele foi feito pela sociedade e pelos meios de comunicação, assim como retratado pelo vídeo “Pele Negra, Máscara Branca”.

A predominância da cor clara, dos cabelos lisos e traços finos associados à pessoa branca, enquanto o negro é associado e caricaturado como mau e feio, o serviçal ou o meliante, é uma constante nos desenhos animados. Seus lugares são sempre aqueles da chacota, os quais, na maior parte das vezes, só se prestam para manter, no jogo político, os estereótipos e alimentar os preconceitos. A relação de poder entre aqueles que produzem estas representações e aqueles que são representados retrata a posição que o negro ainda ocupa na sociedade – de modo geral, relação esta estrutural e politicamente institucionalizada.

Corroborada por práticas adocicadas como parecem ser as práticas do humor, as quais não se questionam a manutenção da discriminação racial, como também de gênero entre outras, e a promoção de preconceitos por meio das “piadas e brincadeiras” que se supõem neutras e ingênuas, tal como é discutido no documentário de Pedro Arantes: “O Riso dos Outros”. Estas práticas são apenas alguns dos degraus das estruturas de conservação que camuflam e reforçam posturas e práticas preconceituosas e discriminatórias.

A representação midiática “quase sempre” propaga e mantém os estereótipos de beleza e os modos de ser mulher e ser homem, reforçando uma espécie de discurso único que sustenta a orientação sexual heterossexual como “única, natural e normal”, e a beleza branca como a “padrão” (LOURO, 2013).

A ideia foi de repensar o ponto de vista sobre o gênero e os padrões de beleza, possibilitando não só ampliar o entendimento do assunto, mas também desenvolver ações que favoreçam a construção de ambiente acolhedor das diferenças, no qual elas são entendidas como caminho seguro para equidade. A diferença pela diferença, a diferença na multiplicidade (GALLO, 2014).

O objetivo foi refletir sobre a (des) construção de gênero e beleza impostos pela sociedade, utilizando-se dos desenhos animados e conhecendo os seus mecanismos de propagação e persuasão. Com o propósito de pensar como a partir de seus discursos e práticas, as alunas e os alunos assumiam, rejeitavam ou ressignificam estes modelos estereotipados de gênero e beleza.

Referências

CARRARA, Sergio et al. (orgs.). **Curso de Especialização em Gênero e Sexualidade**. V2. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília, DF: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2010.

_____. **Gênero e diversidade na escola: formação de professores/as em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais. Livro de conteúdo**. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009.

GALLO, Silvio. **Diferença, multiplicidade, transversalidade: para além da lógica identitária da diversidade**. In: RODRIGUES, Alexsandro; DALLAICULA, Catarina; FERREIRA, Sérgio Rodrigo da S.. **Transposições: lugares e fronteiras em sexualidade e educação**. Espírito Santo: EDUFES, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. **Currículo, gênero e sexualidade: O “normal”, O “diferente” e o “excêntrico”**. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 9 ed.. Petrópolis, RJ: vozes, 2013.

_____. **Gênero, sexualidade e educação: Um a perspectiva pós-estruturalista**. 16 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014

MOORE, Henrietta, **Compreendendo sexo e gênero**. Trad. Júlio Assis Simões. Londres: Routledge, 1997, p. 813-830. Disponível em: <http://e-clam.net/moodle/course/view.php?id=10> Acesso em: 20 de junho de 2013. (arquivo para uso interno do curso de Especialização em Gênero e Sexualidade/EGEs-EURJ)

RAEL, Claudia Cordeiro. **Gênero e sexualidade nos desenhos da Disney**. In LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 9 ed.. Petrópolis, RJ: vozes, 2013.

SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org) **Identidade e diferença - a perspectiva dos estudos culturais**. 14. ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.